

Educação Inclusiva e a formação de estagiárias de pedagogia

Inclusive Education and the training of pedagogic trainees

Resumo: Este artigo é um recorte de um projeto de dissertação de Mestrado, que possui o objetivo de averiguar, na perspectiva das estagiárias do curso Noturno de Pedagogia da UFPel, como está se constituindo a formação para a atuação das futuras Pedagogas em classes inclusivas. Este artigo se baseia em autores como: Mantoan (2013), Sasaki (2006), Carvalho (2007) e Garcia (1995). Os sujeitos desta pesquisa são 16 estagiárias concluintes do 9º semestre do curso noturno de Pedagogia da UFPel 2016/1, que se encontram no estágio final para conclusão do curso de graduação. Este artigo passará por duas etapas, sendo a primeira etapa uma coleta de dados que contempla a aplicação de um questionário com onze questões abertas, e a segunda etapa constituiu-se em realizar uma análise destes questionários, baseada na perspectiva de análise de conteúdo de Bardin (2009), "1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação". A partir de três categorias formadas para essas análises, sendo elas: I - Formação docente, II - Concepção sobre inclusão e III - Papel do curso de Pedagogia na formação, podemos detectar que para a primeira categoria, as estagiárias relatam não estar preparadas para atuar em classes inclusivas, passando a responsabilidade para o curso de Pedagogia que não disponibiliza um grande número de disciplinas para o assunto proposto. Na segunda concepção, a maioria das estagiárias não conseguem conceituar o que é educação inclusiva, descrevendo, assim, exemplo do que pode ou não ser inclusão. Na terceira concepção, algumas estagiárias desconhecem sobre disciplinas optativas e obrigatórias, mantendo uma confusão no momento de descrever quantas e quais disciplinas optativas e obrigatórias cursaram. Outro fator desta concepção, poucas descreveram ter participado de projetos e eventos sobre inclusão, algumas relatam a indisponibilidade de horários por estarem em um curso noturno. Assim, ainda que a educação inclusiva esteja presente durante o processo de formação inicial destas futuras professoras e que durante o seu estágio final este acaba por provocar uma busca por maiores esclarecimentos sobre o assunto, entendemos que o curso deve ter a preocupação em garantir o mais possível a qualificação destas estagiárias.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Formação de Professores, Estagiárias.

Abstract: This article is a cut of a Master dissertation project, which aims to find out, from the perspective of the trainees of the UFPel Nocturnal course of Pedagogy, how the formation of future Pedagogues in inclusive classes is being constituted. This article is based on authors such as: Mantoan (2013), Sasaki (2006), Carvalho (2007) and Garcia (1995). The subjects of this research are 16 final trainees of the 9th semester of the night course of Pedagogy of the UFPel 2016/1, who are in the final stage for conclusion of the graduation course. his article will go through two stages, the first stage being a data collection that includes the application of a questionnaire with eleven open questions, and the second stage consisted in carrying out an analysis of these questionnaires, based on the content analysis perspective of Bardin (2009), "1. Pre-analysis; 2. The exploitation of the material; And finally, 3. The treatment of results: inference and interpretation". From the three categories formed for these analyzes, they are: I - Teacher education, II - Conception about inclusion and III - Role

of the Pedagogy course in formation, we can detect that for the first category, the trainees report not being prepared to act in inclusive classes, passing the responsibility for the course of Pedagogy that does not provide a great number of disciplines for the proposed subject. In the second conception, most trainees fail to conceptualize inclusive education, thus describing what may or may not be inclusion. In the third conception, some trainees are unaware of elective and compulsory subjects, and they remain confused when describing how many and which elective and compulsory subjects they have attended. Another factor of this conception, few described having participated in projects and events about inclusion, some report the unavailability of schedules for being in a night course. Thus, although inclusive education is present during the initial formation process of these future teachers and during its final stage this provokes a search for further clarification on the subject, we understand that the course should be concerned with ensuring the most Qualification of these trainees.

Keywords: Inclusive education, Teacher training, Trainees.

Introdução

O tema educação inclusiva tem mobilizado os cursos de formação de professores trazendo muitos questionamentos e reflexões. Este artigo objetiva verificar, na perspectiva das estagiárias do curso noturno de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, como está se constituindo sua formação para a atuação em classes inclusivas. Qual a concepção destas estagiárias sobre a educação inclusiva e quais as limitações do processo de formação. Os dados são oriundos da análise de um questionário aplicado no segundo semestre de 2016, às acadêmicas, sendo este, uma das etapas de um projeto de dissertação de mestrado.

Acreditamos que o tema seja de relevância significativa para os estudos realizados na formação inicial de professores, dentre outros motivos, pelas poucas pesquisas registradas que abordam a perspectiva das estagiárias de um curso de Pedagogia sobre a sua formação para educação inclusiva.

O artigo baseia-se em autores como Romeu Sassaki (2006), que debruça seus estudos focando mais em uma inclusão social das pessoas com deficiência. Esta inclusão é para além da escola, ele descreve a inclusão em diversos ambientes como esporte, trabalho, proporcionando uma sociedade inclusiva para todos. O autor traz concomitante um resgate dos termos utilizados para inclusão e uma retrospectiva cronológica dos acontecimentos sobre a inclusão e os autores que para ele foram essenciais para que o processo de inclusão no Brasil pudesse se desenvolver da melhor maneira possível.

Sassaki (2006), traz pontualmente sobre as fases de desenvolvimento da educação, perpassando as fases deste desafio da educação para uma inclusão, o histórico que inicia pela *fase da exclusão, fase da segregação institucional, fase da integração e a fase de inclusão*. Ainda que este livro seja do ano de 2006, e que estas fases já tenham sido apresentadas com clareza, ainda assim, estamos em um movimento de transição entre integração para inclusão, ainda estamos neste processo de compreensão e de implementação desta perspectiva inclusiva.

Outra autora de base para as discussões é Mantoan (2006), sendo esta uma referência nacional nos estudos sobre a inclusão, seja uma deficiência severa, moderada ou leve, incluindo. Segundo Mantoan (2013, p. 63):

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o ensino que ministram difere radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão das deficiências a outras dificuldades de natureza relacional, motivacional e cultural dos alunos.

Dessa forma, Mantoan (2013), defende a inclusão de todos os alunos nas escolas regulares de ensino, independente da sua deficiência ou grau de dificuldade na aprendizagem. Este posicionamento acarreta marcos positivos, mas também, marcos negativos. Pensando sempre no bem estar destes alunos que estão dentro de uma sala de aula e, também, do professor que mesmo nunca sentindo-se preparado por completo para exercer a profissão com êxito, sempre precisa estar muito bem informado e possuir conhecimentos específicos para lecionar sendo com alunos com deficiência, com necessidades específicas ou aqueles que possuem mais facilidade no processo da aprendizagem.

Outra autora é Carvalho (2007), que pensa que a educação de qualidade deve ser para todos os alunos e ressalta, ainda, a reformulação da formação dos professores, como exemplo a formação continuada.

Segundo Carvalho (2007, p.119):

Mesmo sem apresentarem incapacidade intelectual, sensorial ou emocional grave, isto é, sem nenhuma causa orgânica específica, manifestam dificuldades de aprendizagem transitória, mas que podem se tornar

permanentes, gerando-se deficiências circunstanciais. [...] A consolidação desse grupo na categoria dos que apresentam necessidades educacionais especiais permite-nos uma concepção mais clara do que seja diversidade na escola, implicando em maior urgência nas providências a serem adotadas.

O pensamento de que apenas os alunos com deficiência podem fazer parte de uma educação inclusiva, segundo essas duas autoras, é equivocado. Os alunos precisam ser olhados como seres únicos que possuem maneiras peculiares em seu processo de aprendizagem. Todo este processo só é possível com a reformulação da formação dos professores. Iniciando na formação inicial – Faculdade –, prosseguindo na formação continuada – em atuação. Carvalho (2007), ainda ressalta sobre o despreparo dos professores que já estão atuando na rede básica de ensino, como sendo resistentes ao *tradicionalismo das práticas pedagógicas*, sendo este o principal fator do elevado índice de fracasso escolar.

Alguns autores que estudam a formação de professores como Garcia (1995), com os estudos sobre os três componentes da formação pessoal, sendo eles: autoformação, heteroformação e a interformação, estes são componentes importantes para a construção da identidade da formação do professor.

A autora Feldkercher (2010), trás o estágio como foco de práxis, segundo a autora, definindo como: “estagiar é se inserir no espaço escolar, conhecer sua realidade, identificar e diagnosticar seus problemas, participar da gestão democrática da escola, ensinar, investigar a aprendizagem de todos os alunos, dentre outros”. Assim, esta autora nos traz reflexões para pensarmos o estágio como um momento de não separarmos a teoria da prática, mas sim, pensar em uma práxis do conhecimento, que durante o estágio, sendo este o único momento para o público-alvo deste artigo é o momento de repensar a própria formação inicial.

Assim, o presente artigo, baseado nos referidos autores procura ressaltar a perspectiva dessas futuras Pedagogas no âmbito da educação inclusiva, visando quais os pontos positivos e negativos do curso de Pedagogia, da sua formação e até que ponto estas duas situações foram eficazes para a concepção das estagiárias sobre a educação inclusiva.

Metodologia

A metodologia utilizada para esta pesquisa aproxima-se de uma pesquisa descritiva, sendo esta, segundo Tiviños (1987,p.110) *“Tipo de estudo que pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”*.

Na perspectiva de Gil (2008, p.42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Os sujeitos desta pesquisa são 16 estagiárias concluintes do 9º semestre do curso noturno de Pedagogia da UFPel 2016/1, que se encontram no estágio final para conclusão do curso de graduação.

Para esta etapa da pesquisa apresentaremos as análises resultantes da aplicação de um questionário com questões abertas que, segundo Mattar (1994, p.84), tem algumas vantagens, tais como:

São muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita; Cobrem pontos além das questões fechadas; Têm menor poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas.

Este questionário contém três categorias agregadoras buscando assim, dar uma ordem e situar o sujeito que está colaborando com a pesquisa, são elas: I - Formação docente, II - Concepção sobre inclusão e III - Papel do curso de Pedagogia na formação.

A análise destes questionários pauta-se na análise de conteúdo de Bardin (2009), 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Para a realização da pré-análise dos questionários, ocorreram pesquisas sobre a existência de trabalhos que descrevessem sobre os acadêmicos do curso de

Pedagogia do noturno, relatando sobre as suas perspectivas e preparação para atuarem em classes inclusivas. Após esta pesquisa, detectou-se que praticamente não há estudos sobre o tema e mais especificadamente sobre o curso noturno, assim, a pré-análise, segundo Bardin (2009), realizou-se a “formulação de hipóteses para a elaboração de indicadores para a interpretação final”.

Analizou-se, também, o meio em que as estagiárias se encontram, o turno em que estavam frequentando e as condições para participação de eventos, seminários, palestras e, partindo dos objetivos desta pesquisa, formulou-se perguntas que pudessem ser visualizadas como forma de compreender o que elas necessitavam naquele momento de formação, visto que uma das hipóteses eram as dificuldades enfrentadas devido ao turno do curso.

Resultados e discussões

A partir de uma pré-análise dos dados dos questionários, respondido por dezesseis estagiárias do último semestre do curso de Pedagogia da UFPel, frequentando o estágio final do curso, apresentamos três categorias, referidas na metodologia deste trabalho.

A primeira categoria é: I- Formação Docente, obtendo as seguintes questões: 1- Sente-se preparado para atuar em classes inclusivas? 2- Qual a importância do curso neste sentido? 3- Destaque pontos positivos e negativos do seu processo de formação diante da educação inclusiva. Justifique sua resposta.

Nesta primeira categoria, a partir da pré-análise, foi detectado que a maioria dos sujeitos de pesquisa, relatam que não sentem-se preparadas para atuar em classes inclusivas, pois o curso de Pedagogia disponibiliza uma boa introdução sobre o tema com ênfase na teoria, porém a grande maioria das estagiárias, relatam a quase inexistência de uma prática no decorrer do curso, que envolva inclusão.

Sabemos que está dicotomia anunciada entre teoria e prática não é exclusiva do tema sobre inclusão, mas sim uma reclamação recorrente nos cursos de formação de professores. Pimenta e Lima (2010), afirmam que esta premissa é “popular”, alegando-se que os cursos de licenciaturas não fundamentam teoricamente e, tampouco possuem a prática como referência da fundamentação teórica, tornando-se assim, falho tanto na teoria quanto na prática, fazendo com que estes futuros profissionais, professores, sintam-se “perdidos” no momento em que necessitam

utilizar teoria e prática no estágio docente. Feldkercher (2010), define que não podemos separar teoria da prática, sendo esta, uma práxis do conhecimento.

Dentre as dezesseis estagiárias, duas relatam estarem preparadas para atuar em classe inclusiva, pois conhecem as informações iniciais, através das disciplinas do curso indo em busca do que necessitam, diante da individualidade de situações que podem surgir de cada aluno. Destas duas estagiárias, uma relata para além do já referido, sente-se preparada, pois já trabalha com alunos que possuem deficiência.

Segundo Mantoan (2013), os professores nunca estarão preparados totalmente para atuar na docência, pois sempre haverá o que aprender, o que sempre acarretará em um novo processo de ensino e aprendizagem. A mesma autora ainda realiza uma reflexão acerca da falta de comprometimento verdadeiro dos professores diante dos processos de inclusão dos alunos que dele necessitam. Mesmo que, neste momento estejamos falando de professores em formação inicial, ainda precisamos levantar reflexões deste comprometimento enquanto formação.

A importância do curso para este aspecto, segundo as estagiárias, é sem dúvidas, a introdução ao assunto, ao conhecimento e às informações que as disciplinas destinadas para este assunto, educação inclusiva, oferecem. Sendo assim, todas alegam que as disciplinas existentes, sejam elas obrigatórias ou optativas, são de extrema importância para o contato inicial do assunto.

A maioria das acadêmicas destaca como ponto positivo do Curso a introdução do assunto, através de conceitos e teorizações. Porém o ponto negativo mais mencionado por todas é a falta de prática, não apenas do respectivo assunto, mas de práticas docentes ao decorrer do curso e o pouco aprofundamento do assunto inclusão.

Nas primeiras análises das primeiras perguntas do questionário, a maioria dos sujeitos já associam educação inclusiva com uma alguma deficiência. Muitas definem que na teoria, a prática é outra, associando, também a falta de prática sobre o assunto proposto.

A segunda categoria é: II- Concepção sobre inclusão, correspondendo a uma única questão: Para você o que é educação inclusiva? A partir das respostas podemos observar através das análises que, a maioria das estagiárias não conseguem conceituar o que é educação inclusiva, contemplando suas respostas através de exemplos do que deve ou não deve ser feito como futuras professoras ou em atividades realizadas com os alunos.

Outro fator importante que apareceu com uma frequência bastante razoável nesta categoria é de que a maioria das estagiárias associam a educação inclusiva a pessoas que possuem uma deficiência. Este fator, aparece ao longo de várias respostas, em diferentes categorias e perguntas, o que faz com que este dado seja significativo para a análise total do conteúdo aqui apresentado.

Mantoan (2013) defende a inclusão total dos alunos na escola regular, através do seu posicionamento sobre a inclusão, nos fazendo pensar que, é preciso incluir de fato nas escolas aqueles alunos que possuem alguma deficiência, seja ela leve ou severa, até aquele aluno que troca de região e precisa ser incluído no seu ambiente escolar através de práticas que o beneficie na sua fala ou no seu entendimento do lugar onde está. Sendo assim, dando a estes alunos com ou sem deficiência comprovada por laudos médicos, acesso a estarem e permanecerem nas escolas e acessibilidade para continuarem neste ambiente.

A maioria das estagiárias, descrevem a importância do trabalho em equipe para que a inclusão na escola aconteça verdadeiramente. Esta questão também inclui a escola estar preparada para receber alunos em inclusão. Para isso acontecer, segundo as estagiárias, as escolas precisam estar adaptadas, tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

Para a mesma autora Mantoan (2013), o trabalho em equipe para que a inclusão possa acontecer verdadeiramente, deve reunir o trabalho do diretor, dos professores, dos funcionários da escola trabalhando em prol do atendimento a todos os alunos para que possamos pensar em uma inclusão escolar. Para que tudo isso aconteça, Carvalho (2005) acredita que a melhor maneira de concluir este trabalho em equipe seja a formação continuada.

A terceira categoria é: III- O papel do curso de Pedagogia na formação, esta categoria possui mais blocos de perguntas do que as demais já mencionadas, sendo as seguintes: 1- Quais as disciplinas obrigatórias, relacionadas à educação inclusiva, você cursou? Quais foram as contribuições delas? 2- Você cursou alguma disciplina optativa relacionada à educação inclusiva? Quais foram as contribuições delas? 3- Além das disciplinas – obrigatórias e optativas-, você procurou outras atividades, eventos, palestras, leituras, sobre educação inclusiva? Quais? Por quê? E quais contribuições elas tiveram para a tua formação? 4- Você participou de algum projeto relacionado a inclusão, projetos de ensino, pesquisa, extensão ou outros? Qual/ Que contribuições tiveram na tua formação? 5- Que aspectos melhorariam tua formação

sobre os processos de inclusão?6- O fato de você ser estagiária acentuou ou não a necessidade de informação sobre a educação inclusiva? Por quê? Como fez e o que faz para equalizar esta questão?

Diante das duas primeiras perguntas, as dezesseis estagiárias descreveram ter realizado apenas uma disciplina obrigatória, quando na verdade segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia da UFPel, constam duas disciplinas obrigatórias. Uma delas Teoria e Prática Pedagógica VII, que aborda fundamentos da Educação Especial, e a segunda é Práticas Educativas VIII, abordando o estudo de Libras.

A partir do PPP do curso, podemos perceber que as alunas do curso de Pedagogia desconhecem o currículo do curso, em relação às disciplinas que são obrigatórias ou optativas, ou ainda, sobre o próprio assunto, educação inclusiva. Mesmo que a disciplina destinada a introdução do conhecimento sobre inclusão esteja relacionada mais especificadamente a uma educação especial, referente a deficiência, e não a uma amplitude sendo ela educação inclusiva, ainda podemos perceber que há uma confusão sobre o tema.

Com o mesmo propósito, entre disciplinas obrigatórias e optativas, das dezesseis estagiárias, dez relatam ter realizado pelo menos uma disciplina optativa, referentes ao tema, uma destas descreve ter realizado a disciplina de Libras como optativa. As seis, restantes declararam não ter realizado nenhuma disciplina sobre educação inclusiva.

Das dez estagiárias que apontam ter realizado pelo menos uma disciplina optativa, a maioria aponta para a disciplina, “Pedagogia da diferença”, disciplina esta que é uma continuação da disciplina obrigatória de Teoria e Prática Pedagógica VII, relatam que a procura foi em busca de aprofundamento dos conhecimentos já existentes.

Para as perguntas 3 e 4, das dezesseis estagiárias, treze revelam não ter participado de nenhum projeto, evento, outras atividades sobre inclusão, alegando indisponibilidade de horário, pois trabalham.

Das dezesseis estagiárias, três afirmam que, mesmo sendo alunas do noturno, realizaram atividades extras sobre o tema inclusão, duas participaram de um projeto de extensão sobre inclusão da Faculdade de Educação, e uma de um projeto de extensão fora da Faculdade.

Segundo Garcia (1995), não há conceito exato sobre o que é a formação, porém, a formação pessoal de um professor neste caso, passa, inicialmente por três componentes, sendo eles: “a *autoformação*”, sendo esta uma formação própria, onde o indivíduo é o único responsável pelos processos da sua formação, tendo como consequência, resultados positivos ou negativos desta formação. A outra é a “*heteroformação*”, formação baseada por interferências “de fora”, o que os especialistas querem para a formação destes indivíduos, sem que possa comprometer a personalidade do participante desta formação. E por último a “*interformação*”, são as relações que deveriam ocorrer dentro do ambiente de trabalho como a relação de troca de aprendizagens, compartilhar a relação da formação dentro do ambiente de trabalho, através das convivências.

Assim, a formação pessoal perpassa desde a trajetória de vida de cada professor até a sua formação inicial. Dessa forma, fica evidente que, cada profissional, neste caso, professor, é responsável por sua formação também.

Estes aspectos de formação pessoal, vem ao encontro da próxima pergunta, de número 5, a pergunta é clara e objetiva no ponto específico “*que aspectos melhorariam a tua formação?*”, das dezesseis, apenas duas relatam o seu ponto de vista, atribuindo “falhas” da sua formação a si. As demais relatam que “o currículo do curso poderia ter mais disciplinas”, havendo uma confusão entre a sua responsabilidade diante da sua formação e a responsabilidade que a Faculdade possui sobre a formação de seus acadêmicos.

Ainda que a maioria relate que a Faculdade deveria disponibilizar de mais disciplinas sobre o assunto inclusão, seis do total de estagiárias não procuraram realizar nenhuma disciplina na área, alegando a indisponibilidade de horário para tal exercício. Porém, esta ressalva foi mencionada pela maioria das entrevistadas.

Ao pensar que a maioria não consegue diferenciar a pergunta pontual e objetiva sobre a melhora que poderia realizar sobre a própria formação, compreende-se que durante a formação inicial “longe de uma prática palpável”, a preocupação com os desafios da educação inclusiva ainda torna-se distantes das futuras professoras.

Sobre a pergunta número 6, se o fato de serem estagiárias provocou ou não a procura por mais informações sobre a inclusão. Oito estagiárias disseram ter ocorrido tal procura, pois neste momento de estágio e, principalmente no contato com a prática novas informações se fizeram necessárias para que pudessem sanar a demanda de

alunos em processos de inclusão na escola. Já para as demais oito estagiárias este fator não influenciou a procura de novas informações.

Conclusão

Ainda que a educação inclusiva esteja presente durante o processo de formação inicial das futuras professoras estagiárias do curso de Pedagogia analisado e que durante o seu estágio final elas procurem por mais informações sobre o tema, salientamos a necessidade de o curso subsidiar esta formação.

Ressaltamos a importância do trabalho em equipe para lidar com situações de inclusão na escola. Não é um assunto exclusivo do professor da classe, mas de todos os envolvidos com esses alunos. É importante que as estagiárias saibam que estarão em constante formação e que sem dúvidas terão de procurar por formação constante para lidar com seus alunos, sejam eles com laudo ou não.

A medida que o professor conseguir deixar mais suave o exercício de ensino com os seus alunos, principalmente os que estão em inclusão, este professor sem dúvidas também não passará pelo processo de frustração, de sofrimento por não saber o que, como e por onde incluir alguém na sua sala e na sua escola.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre. Editora: Mediação, 2007.

FELDKERCHER, Nadiane. **O estágio curricular supervisionado como componente teórico e prático em cursos de formação inicial de professores**. Revista Espaço Acadêmico- nº115- Dezembro de 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Mario/Downloads/10862-44581-1-PB.pdf>. Acesso em: 23/Maio. 2017.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores. Para uma mudança Educativa**. Barcelona, Porto editora, 1995.

Gil, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore.** Pesquiseduca, Santos, v. 1, n. 1, p. 45-48, jan.-jun. 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por Que? Como fazer?.** São Paulo. Editora: Moderna, 2006.

_____. **O desafio das diferenças nas escolas.** 5ª edição. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: 2013.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise,** 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio: Diferentes Concepções. **Estágio e Docência.** 5ª. ed. São Paulo. Cortez, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** 7ª edição. Editora: WVA, Rio de Janeiro. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: editora: Atlas, 1987.